

# A nova face da produção iraniana

Estado reuniu o curador Massoud Bakshi e a autora Alessandra Meleiro para debater evento que começa amanhã no Ollido

Luiz Carlos Merten

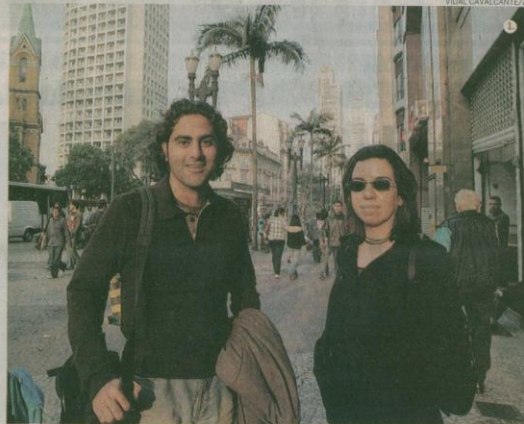
Seu cartão impressiona — com o selo do DEFC, Centro de Documentário Cinema Experimental do Irã, Massoud Bakshi ostenta o título de diretor de produção e assuntos internos. É jovem e, desde a semana passada, está em São Paulo. Veio para a abertura da mostra *Entre o Sonho e a Realidade — O Novo Cinema Iraniano*, da qual é curador. O evento é formado por três longas e um punhado de curtas que vão revelar para o público de São Paulo — que descobriu cinema iraniano de Kiarostami, Mohsen Makhmalbaf e Jafar Panahi na Mostra — uma nova geração e também um novo estilo de fazer filmes. Na sexta, o Estado reuniu Bakshi e

LIVRO SOBRE O TEMA SERÁ LANÇADO NO DIA 11 NO CINE HSBC BELAS ARTES

Alessandra Meleiro para uma conversa. Ela lança no dia 11, às 18h30, no HSBC Belas Artes, seu livro *O Novo Cinema Iraniano — Arte e Intervenção Social*.

Qual o conceito desse novo cinema iraniano que você traz a São Paulo? **Bakshi** — Existe um cinema iraniano que já é conhecido internacionalmente, formado por autores que frequentam festivais e ganham prêmios. Mas eles não representam a totalidade do cinema feito no Irã. O país produz em torno de 125 filmes por ano. Vocês, no Brasil, produzem quantos? 30? E quantas salas vocês têm? Cerca de 1.800? Nós temos 300, o que significa que toda essa produção tem dificuldade para chegar ao público. Existe um cinema iraniano de arte e ensaio, que é o que vocês conhecem, mas existe também uma produção mais jovem e outra mais comercial, formada por filmes de aventuras, guerra e comédias, muitas delas musicais, como aquelas que se produzem na Índia, em Bollywood.

Só para fazer a ressalva. O Brasil tem 1.800 salas, mas elas são formadas para a exibição da produção



VÍDIA CAVALCANTE/AE



DIVULGAÇÃO

DIVULGAÇÃO

1. Massoud Bakshi e a pesquisadora Alessandra Meleiro 2. *Iman Internet* 3. *Linha Desocupada*

de Hollywood. Para o cinema brasileiro, temos, provavelmente, bem menos que as 300 de vocês. Você fala num problema de salas, mas pelo que dizem os autores iranianos em visita ao Brasil existe também um problema de censura, não? **Bakshi** — O problema da censura é complexo, porque não se trata só de impedir que um filme seja feito ou chegue ao mercado. Ocorre que temos um circuito comercial e os filmes de arte e ensaio não são um bom

negócio para os exibidores. Paralelamente, vivemos numa sociedade teocrática, na qual os valores religiosos são rígidos. O que termina prevalecendo é uma forma metafórica de tratar de assuntos polêmicos. A questão é que essa forma não é uma exclusividade do cinema. No passado, o poeta Nézami já usava a metáfora para falar de sexo em sua obra que é considerada clássica no Irã. E não apenas ele. A metáfora faz parte

da nossa produção cinematográfica e literária. **Alessandra** — Mas a metáfora para abordar a opressão social vem gradualmente diminuindo em filmes como *O Círculo*, *Kandahar e Dez (Ten)*. Acho importante colocar o que ouvi quando estive no Irã, pesquisando para o meu livro. Muita gente me explicou a metáfora citando o que chamam de 'Muslim duty', o dever islâmico. O Corão diz que você tem o dever

de denunciar seu vizinho, se ele não seguir as leis do livro sagrado. Por conta disso, as pessoas terminam se expressando por metáforas por medo de ser mal compreendidas. **Bakshi** — Concordo, mas a questão não se coloca só em termos de ideologia ou religião. É também de mercado. No Irã, não temos filmes americanos, mas o público quer ver outra coisa que não os filmes iranianos que são preferidos fora do país. E, além dos longas, temos uma extensa produção de curtas e de documentários que também precisam chegar ao público. Existe, atualmente, um cinema que foi criado em Teerã só para exibir curtas.

A televisão não é uma parceira? Não mostra a produção iraniana? **Bakshi** — Ela mostra, mas não participa da produção. Após a revolução islâmica de 1979, o governo passou a ser o grande apoiador e incentivador do cinema iraniano. A Iranian Young Film Society e o Documentary and Experimental Film Center (DEFC), do qual faço parte, possuem um incum-

PROGRAMA SERÁ EXIBIDO EM DIGITAL E É ILUSTRATIVO DA REALIDADE DO IRÃ

bência de descobrir e revelar os novos talentos.

**Alessandra** — De qualquer maneira, as TVs no Irã são todas oficiais. Pertencem ao Estado e, desta maneira, reproduzem as restrições que já existem quanto à produção e exibição de filmes nos cinemas. Ou não? **Bakshi** — Tem razão, mas vamos ter agora dois canais com capitais privados e um deles será inteiramente dedicado à exibição de filmes, o que poderá mudar o panorama da distribuição no Irã.

Quem faz esse novo cinema iraniano que você traz a São Paulo? **Bakshi** — São os jovens, que estudaram cinema e querem fazer algo diferente do que fazem os cineastas da geração anterior. Por exemplo, conversei com o filho de Kiarostami e ele

acha que os filmes de seu pai são muito conservadores. Os jovens querem abordar os temas controversos, como o homossexualismo. Por outro lado, a tecnologia digital facilita o acesso aos meios de produção. É barato produzir filmes.

Só para esclarecer. São Paulo assiste neste momento a uma mostra chamada *Japão Pop*, que também apresenta nova produção japonesa. São filmes de grande qualidade formal e temática, com ênfase em formas alternativas de comportamento e naquilo que se chama de diversidade sexual. Muito homossexualismo, bissexualismo, novas formas de organização da família. Vamos ver algo disso nesse novo cinema iraniano?

**Alessandra** — Aproveitando a pergunta — olhei o programa e não vi muitos filmes ligados a questões da atualidade política. A religião, a guerra. **Bakshi** — Você não vai encontrar nada explícito porque, como já disse, o cinema iraniano trabalha muito com metáforas. Mas *O Outro Lado da Trincheira* e *Linha Desocupada* tratam, simultaneamente, da guerra e das mulheres. *Iman Internet* discute as novas tecnologias na vida cotidiana. E *Flores de Pedra* aborda o trabalho infantil. Ele discute a própria religião, por meio de um jovem clérigo. E há o meu filme *Identificação de Uma Mulher*, que discute a poligamia do ângulo feminino, baseado numa história real. O Corão permite a um homem ter duas mulheres, mas não a uma mulher ter dois maridos. Creio que a nossa mostra fornece, sim, um quadro amplo do cinema e da própria realidade do Irã. Veja que todos os filmes serão exibidos em suporte digital. ■

Serviço

• *Entre Sonho e Realidade — O Novo Cinema Iraniano*, 3.º, 19 h, O *Outro Lado da Trincheira* (2004), de Bayram Fazli; *Linha Desocupada* (2005), de Naghi Nemati; *Iman Internet* (2004), de Reza Haery; *20h30, O Buraco* (2005), de Vahid Nasirian; *Flores de Pedra* (2005), de Azizollah Hamidnezhad. Galeria Ollido, Av. São João, 473, 3334-0001, r. 1941. 3.ª a sáb. Grátis. Até 8/7. Abertura amanhã